



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

MICHELE CHRISTIANE ALVES DE BRITO

APRENDENDO COM O CORPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**JOÃO PESSOA-PB
2013**

MICHELE CHRISTIANE ALVES DE BRITO

APRENDENDO COM O CORPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Giovanna Barroca de Moura

**JOÃO PESSOA
2013**

B862a Brito, Michele Christiane Alves de.

Aprendendo com o corpo na educação infantil / Michele Christiane Alves de Brito. – João Pessoa: UFPB, 2013.
29f.

Orientador: Giovanna Barroca de Moura
Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade a distância)
– UFPB/CE

1. Corporeidade. 2. Aprendizagem. 3. Pedagogia do corpo.
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.24 (043.2)

APRENDENDO COM O CORPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia na Modalidade a Distância, do
Centro de Educação da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito institucional para
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

APROVADA EM: 23/08/2013

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. _____
M^a. Giovanna Barroca de Moura

Prof.. _____
Me. Irakitan Caminha de Oliveira

APROVADO COM A NOTA: _____

JOÃO PESSOA
2013

Dedico este trabalho a minha segunda mãe Albanita, ao meu esposo, e aos meus filhos, pela parceria constante, pelo carinho e a paciência que foram determinantes para a conclusão desta jornada tão importante.

AGRADECIMENTOS

A Deus por todas as bênçãos, pelo dom da vida, sabedoria, discernimento, pela força e paciência diante dos obstáculos existentes ao longo desta jornada.

A minha segunda Albanita, pela ajuda, dedicação e credibilidade.

Ao meu esposo pela parceria e paciência.

Aos meus filhos razão de minha vida, de toda luta e conquista, pela paciência, compreensão e carinho todo esse tempo,

A Giovanna Barroca, em especial, minha orientadora, pelas sábias instruções, pela parceria, pela atenção constante, por investir em mim seus conhecimentos.

Ao professor Irakitan Caminha, o propulsor inicial deste trabalho, que despertou em mim a paixão pelo corpo e seus processos frente ao desenvolvimento da aprendizagem, pela disponibilidade em ajudar e contribuir com seus valiosos conhecimentos.

Meu sincero e enorme agradecimento a toda a equipe da UFPB Virtual, principalmente o corpo docente, pessoas capacitadas e comprometidas com a nossa formação profissional, que enriqueceram nossa caminhada, que nos fizeram pessoas e profissionais melhores.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo principal relacionar à corporeidade a maximização dos processos de aprendizagem, a partir do levantamento e análise de estudos científicos já desenvolvidos, descritos em fontes diversas, como livros, artigos, monografias entre outros, de maneira a obter a compreensão do processo histórico de percepção dos aspectos corporais e suas implicações na aprendizagem desenvolvida na Educação Infantil. Tais estudos nos fizeram perceber a essencialidade da corporeidade no desenvolvimento e na aprendizagem humana, a partir da constatação de que o ser humano é seu próprio corpo, e que através deste é representado no contexto social. O cenário contemporâneo, por sua vez, sugere que tracemos enquanto educadores formas variadas de aprendizagem que estimulem a curiosidade e o interesse do educando nas diversas áreas do conhecimento, no desenvolvimento de processos de aprendizagem dinâmicos, contudo, ao considerarmos a dimensão corporal neste cenário, percebemos que o sistema educacional tem corroborado para implementação de uma postura na qual o corpo é percebido enquanto objeto fragmentado, que por sua vez deve ser disciplinado, alvo de cuidado, findando-se muitas vezes nesse propósito. O que ao final desta pesquisa se sobrepõe a evidenciação da necessidade do reconhecimento do corpo enquanto sujeito, representante direto das subjetividades humanas, instrumento de mediação no meio social, e a consequente implementação de uma pedagogia do corpo efetiva, onde o contexto educacional oportunize as expressões corporais enquanto representação do indivíduo em sua vivência própria, veículo de constantes e singulares aprendizagens, sobretudo, na Educação Infantil.

Palavras-chave: Corporeidade, Aprendizagem, Pedagogia do Corpo, Corpo, Subjetividade.

ABSTRACT

This research is primarily relate to the corporeality maximizing learning processes, from the survey and analysis of scientific studies already developed , described in several sources, as books, articles, monographs and others, in order to obtain an understanding of the historical process perception of bodily aspects and its implications on learning developed in Early Childhood Education. Such studies made us realize the essentiality of corporeality embodiment in human development and learning, from the realization that the human body is its own, and through this is represented in the social context. The contemporary scene, on the other hand, suggests that as educators we trace various forms of learning that encourage curiosity and interest of the learner in different areas of knowledge, process development learning dynamic, however, when considering body size in this scenario, realize that the educational system has contributed for implementing a posture in which the body is perceived as fragmented object, which in turn must be disciplined, target care, coming to a close is often this way. What the end of this research overlaps evidencing the need for recognizing the body as subject, direct representative of human subjectivities, instrument of mediation in the social environment, and the consequent implementation of an effective pedagogy of the body, where the educational context oportunize bodily expressions as a representation of the individual in his own experience, vehicle constant and singular learning, especially, in Early Childhood Education.

Key-words: corporeity, Learning, Pedagogy of the Body, Body, Subjectivity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Operários no cenário fabril	15
Figura 2 – Escola Tradicional	19
Figura 3 - Atividade de pintura com as mãos e pés	25

***“O Corpo, que realiza movimentos intencionais,
projeta-se no mundo para percebê-lo.” (CAMINHA, 2012)***

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O CORPO NO CONTEXTO HISTÓRICO	13
2.1 O CORPO QUE REPRESENTA NAÇÕES	14
2.2 PANORAMA PÓS-MODERNO: O CORPO SAUDÁVEL OU CULTO AO BELO?	17
2.3 O CORPO NA ESCOLA.....	19
3 BRINCANDO E APRENDENDO COM O CORPO NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	233
3.1 SUGESTÕES DE PRÁTICAS DE ATIVIDADES QUE PODEM SER DESENVOLVIDAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	266
3.1.1 PINTURA COM MÃOS E PÉS.....	26
3.1.2 ANDAR COM UMA BOLA ENTRE AS PERNAS	277
3.1.3 ANDAR EM CIMA DE UMA CORDA.....	27
3.1.4 JOGO DE MÍMICA	27
3.1.5 A FAMOSA BRINCADEIRA DE PEGA-PEGA.....	288
3.1.6 ESCONDE - ESCONDE.....	288
3.1.7 BRINCADEIRA DA CADEIRA	299
3.1.8 DRAMATIZAÇÃO.....	29
4 METODOLOGIA.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	323
6 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	37

1 INTRODUÇÃO

O corpo humano, em suas amplas possibilidades, esteve por gerações, objetivado e limitado ao aspecto biológico, às sintomatologias, visto por leigos e estudiosos como um objeto de estudo fragmentado, descontextualizado, alvo principal das ciências físico-químicas, que o percebem desde o século XVIII enquanto referencial de cidadania, necessitando de uma imagem forte e saudável para ser representação de uma nação, ignorado em sua complexidade sociocultural.

Contudo, numa perspectiva moderna, o corpo humano ganha destaque no cenário social, com um olhar quase que exclusivo, assumindo um papel de elemento, que preocupa e inquieta as pessoas em nome da saúde, mas que na realidade, tal preocupação referencia-se enquanto postura de “estetização da saúde numa perspectiva de bem-estar que associa o corpo saudável àquele que é reconhecido na sociedade como belo” (CAMINHA, 2012, p.181). Desta forma, as pessoas se veem submetidas aos modelos impostos, sacrificando seu equilíbrio corporal em prol da estética, do visivelmente belo de acordo com os padrões físicos.

No contexto educacional não acontece diferente dos outros cenários sociais, em nome da disciplina e do bom desempenho da aprendizagem, a Escola contribui desde a disposição das cadeiras até a exposição dos conteúdos, para a formação de estudantes passivos, limitados espacialmente, onde o movimentar-se representa uma quebra às regras e à harmonia do ambiente da sala de aula, onde “Desconsideram-se os corpos dos/das estudantes, as identidades inscritas nesses corpos, bem como as inscrições históricas, sociais e culturais.” (QUADRADO & RIBEIRO, 2005, p.3), numa visão educacional onde há o reforço da fragmentação entre o corpo e a mente, a docilização dos corpos em prol da reprodução de modelos ideológicos.

E tal perspectiva de enquadramento e submissão pacifica os corpos em virtude na maioria das vezes do grande número de alunos, onde o ficar quieto representa a adequação ao processo de ensino e aprendizagem, o perfil de bom aluno, facilitando o objetivo maior da educação que é a transmissão de conteúdos e a mensuração dos conhecimentos por meio da avaliação, quando na verdade, o corpo deveria integrar-se ao tal processo, principalmente no nível da educação infantil, não apenas no momento e lugar reservado a isto, como na aula de educação física e ambiente externo, mas enquanto elemento favorecedor da aprendizagem, nas diversas áreas do conhecimento pois “toda educação é, também, educação do corpo

mesmo que seja a de negação deste, pelo não movimento” (STRAZZACAPPA, 2001, p.1 apud CAMPOS, p.8)

E a partir de tais considerações, o presente estudo consistirá numa pesquisa sob uma abordagem qualitativa dos dados, do tipo bibliográfica, e exploratória, que objetiva compreender em que medida uma pedagogia do corpo globalizada e ativa pode potencializar a construção da aprendizagem por parte dos educandos na Educação Infantil, realizada por meio de levantamento de informações acerca do tema em fontes científicas e informativas, identificando dados compatíveis com o tema, entre estudos já realizados, em livros, revistas, artigos, trabalhos científicos e sites da internet, por meio de downloads, ou aquisição de livros, examinando-os a partir da leitura e fichamento e em seguida analisando-os segundo a compatibilidade com o projeto em questão, a confiabilidade dos dados e a utilidade das informações para o presente estudo e pesquisas futuras.

Considerando os aspectos mencionados aprofundaremos tal estudo em capítulos que discorrerão acerca da percepção do corpo em processos históricos sociais e sua potencialidade sociocultural potencializadora de processos de aprendizagem na educação infantil, com base em teóricos e estudiosos acerca da representação do corpo no contexto social e educacional, a partir de uma conceituação do corpo objeto e corpo sujeito, compreendendo-o de uma maneira mais ampla, enquanto produto e representação cultural, forma de subjetividade humana, quebrando com antigos paradigmas limitados à dimensão anatômica, e contestando a posição contemporânea a respeito da corporeidade que reduz ou impõe uma submissão estética ao corpo no intuito de atender aos padrões estabelecidos.

Nessa perspectiva analisaremos uma visão diferenciada do corpo, uma pedagogia que o possa compreender numa dimensão globalizada, e, portanto, capaz de proporcionar processos de aprendizagem, elemento referenciador das diversas áreas do conhecimento, considerando que “o gesto inaugura o criar, o conhecer e o amar”. (SAFRA, 1999, apud FERNÁNDEZ, 2012, p.77).

Num primeiro momento partiremos de uma análise histórica e das posturas teóricas de Foucault, numa reflexão inicial acerca da concepção do corpo ao longo do tempo e da dominação exercida sobre este, pois como afirma Foucault “essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto ser violenta”. (FOUCAULT, 1987, p.29), o que proporcionará uma visão crítica a respeito de como é percebido e massificado o corpo nos diversos contextos sociais, numa perspectiva de controle. Ampliando nossas expectativas dentro desse estudo, na observação de Caminha quando considera que...

“o processo educativo deve contemplar uma pedagogia da corporeidade” (CAMINHA, 2012, p.117).

Desta forma, tal problemática chama-nos a atenção em virtude, principalmente da forma como o corpo tem sido experienciado no cenário educacional, em posturas controversas que o submetem a processos de massificação, de silenciamento, ao invés de instrumento de descoberta e construção de conhecimentos nas mais variadas áreas do conhecimento, limitado às aulas de Educação Física, aspecto que merece estudos críticos e reflexivos, visando o aperfeiçoamento da compreensão dos processos de aprendizagem na Educação Infantil, no reconhecimento do corpo enquanto representação subjetiva do indivíduo, e, portanto, sua forma de SER e ESTAR no mundo, de apropriar-se e apreender por meio de situações empíricas.

Sob esta ótica, tal perspectiva proporciona certo enriquecimento às esferas sociais, educacionais e profissionais à medida que resgata o reconhecimento do corpo enquanto representação exclusiva e singular do ser humano na sociedade na qual está inserido, proporcionando uma reflexão acerca dos perigos da estetização deste, do sacrifício em nome do culto ao belo, ao corpo modificado, contribuindo para práticas pedagógicas mais eficientes e emancipatórias, numa perspectiva de interdisciplinaridade a partir de uma pedagogia do corpo efetiva.

E sob tais embasamentos teóricos aprofundaremos a pesquisa, analisando e explorando fontes e autores variados no intuito de compreender melhor a percepção e o estigma conferido ao corpo, sobretudo, no contexto educacional, acreditando que um olhar diferenciado aos aspectos corporais é capaz de ampliar as possibilidades de aprendizagem.

2 O CORPO NO CONTEXTO HISTÓRICO

O corpo humano, percebido de maneira tão descontextualizada, numa perspectiva de objeto, limitada aos conhecimentos científicos médicos e fisiológicos estiveram presente ao longo de toda a história, embora em alguns momentos tenha sido mascarado por outras concepções diferenciadas de cuidado, representação de força e poder.

Desta forma há uma perda do aproveitamento potencial do corpo enquanto uma unidade integral, capaz de intermediar conhecimentos, instrumento principal de apropriação do meio e dos diversos saberes, e que desde a era primitiva temos no corpo a forma de existir e subsistir no mundo “quando o homem primitivo sentiu a necessidade de lutar, fugir ou caçar para sobreviver. Assim o homem à luz da ciência executa os seus movimentos corporais mais básicos e naturais desde que se colocou de pé: corre, salta, arremessa, trepa, empurra, puxa e etc.”(DAOLIO,2004, p.16)

O homem, portanto, mesmo sem grandes conhecimentos científicos, utilizava-se de seu corpo para explorar o ambiente, para garantir sua segurança e subsistência, para expressar suas crenças e concepções em pinturas e adereços, externando sua cultura, relacionando-se e construindo saberes.

Percebe-se, portanto, que “avança a história, avança a necessidade da atividade corporal como meio de subsistência, sobrevivência e controle espacial.” (DAÓLIO, 2004, p-16), refletindo as concepções de cada sociedade em determinada época histórica, e as necessidades humanas pertinentes, sejam baseadas em aspectos curativos, higiênicos, comportamentais, de crenças, ou simples referência de padrões socioculturais.

Segundo o mesmo autor, na sociedade egípcia era desenvolvida uma ginástica que evidenciava habilidades físicas como “equilíbrio, força, flexibilidade e resistência. Já usavam, embora rudimentares, materiais de apoio tais como tronco de árvores, pesos e lanças”. (idem, p.17), numa perspectiva de treinamento do corpo, para ampliar as habilidades formando guerreiros.

Daólio (2004) nos mostra claramente como a concepção corpórea se subjetiva a cada civilização, citando a grega enquanto destaque, com referenciais como Sócrates, Platão, entre outros os quais associavam as atividades físicas ao processo pedagógico evidenciando aspectos musicais vinculados ao corpo, envolvendo todas as faixas etárias. Contudo, essa perspectiva se contrapõe na Idade Média, onde o aspecto religioso se sobrepõe aos demais, e a

cultuação ao corpo é algo pecaminoso, sendo “o mundo perfeito – mundo das ideias onde habita a perfeição sem pecados”.(idem, p.18).

O autor continua a afirmar que na Idade Média a figura do rei é retratada, enquanto representante soberano de uma nação, numa concepção de corpo, onde este utilizava de seu poder sobre a população para determinar punições severas aos que descumpriam as ordens, expondo-os em locais públicos onde eram castigados com chicotadas, torturas diversas e até a morte dependendo do delito, submetendo o corpo objeto, tido com parte segmentada do homem.

Seguindo as ideias do autor, o período renascentista, por volta dos séculos XV e XVI surge modificando paradigmas sociais, promovendo a exaltação do corpo e de sua beleza, envolvendo as artes e demais conhecimentos que possam enfocar o corpo novamente sob uma perspectiva física, reverenciada, cultuada, com destaque em obras de Leonardo da Vinci, Michelângelo entre outros abordando contornos corporais.

Evidencia-se um antagonismo entre ambas as concepções, onde o corpo ganha uma evidência diferenciada, enquanto a Idade Média configura-se enquanto período de questionamento da reverência ao corpo, percebendo-o enquanto elemento de pecado, propondo que a mente seja o alvo principal enquanto representação humana; a Renascença sugestiona o renascimento da valorização do corpo, com um grande diferencial em virtude da exposição da figura humana em diversas representações de artistas de renome.

2.1 O Corpo que representa nações

Percebe-se o caráter amplo que permeia o corpo humano, excedendo a visão objetivista que o reduz a uma representação meramente biológica, pois:

...se se considerar o corpo humano apenas na sua dimensão biofísica, não há necessidade de diferenciá-lo por meio de seu uso específico e regional, pois, afinal de contas, o corpo biológico de todos os membros da espécie humana é muito semelhante. Só é possível discutir as especificidades de uso do corpo a partir da consideração de que ele expressa determinados valores de um dado grupo. (MAUSS, 1974 apud DAOLIO, 2004, p.10)

E sob este parâmetro temos a visão de corpo que é produto da cultura, do momento histórico, no qual os países preparam civilizações para o defenderem, e para tal é necessário

que estes apresentem-se de acordo com os padrões corporais compatíveis, pois segundo Foucault (1999)... “no século XVII se descrevia a figura ideal do soldado. O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia.”(p.162)

Tal prerrogativa externaliza uma concepção de soldado, de defensor da pátria que permanece até os dias atuais, embora atualmente existam formas diferenciadas de representar uma nação, mas as instituições responsáveis por tal, como as forças armadas e policiais, preparam sua corporação treinando seus representantes para se destacarem corporalmente, para superarem seus limites físicos e emocionais para serem usados em situações de combate.

Os corpos dos soldados devem apresentar-se saudáveis, ágeis, e com postura de guerreiros ostensivos, e quando não se constituem dessa forma, são submetidos a processos de treinamentos físicos árduos e constantes até que sejam atingidos os perfis desejáveis para a função a que se destinam.

Esta perspectiva de corpo mais uma vez exalta sua condição de objeto, vislumbrando o ser humano dualizado entre corpo e mente, aspectos dissociados um do outro, no qual sua condição secundária é passível de transformação e treinamento de acordo com o padrão corporal esperado para um soldado, ou defensor do seu país, que tem sua subjetividade relegada em detrimento às expectativas de um “ corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, setorna hábil ou cujas forças se multiplicam.” (FOUCAULT, 1999, p.163)

Desta maneira constrói-se o paradigma de que “corpos fortes e saudáveis representam sinais de desenvolvimento de uma nação”.(CAMINHA,2012,p.151), sendo parte dessa preparação cabível ao sistema educacional, que além de proporcionar a transmissão de conhecimentos científicos e culturais, e o idioma do país, teria que oportunizar saberes relacionados ao cuidado com o corpo.

Como afirma Foucault (1999) com a Revolução Industrial há uma modificação no contexto social e consequentemente nos modelos culturais que permeiam essa época, as pessoas deixam seus ofícios de artesãos, construtores de obras de artes manufaturadas para se inserirem no ambiente fabril, um suposto avanço que impõe suas normatizações e trazem um caráter mecânico ao desempenho dos trabalhadores.

No contexto das fábricas, os operários se submetem a uma jornada de trabalho prolongada, em local fechado, exercendo funções repetitivas e descontextualizadas, já que este realiza uma parte segmentada da produção final, sem o prazer de acompanhar sua criação fruto de seu trabalho, como na arte manufatureira, exposto ao um sistema trabalhista onde é

exigido que este corpo trabalhador exerça o mais rápido possível sua atividade produtiva, com fins estritamente lucrativos, fruto de um sistema capitalista que se insere e encarcera corpos em nome do trabalho e da maximização dos lucros.

Tal realidade é sabiamente descrita no filme *Tempos Modernos* (1936), uma obra na qual a estrutura fabril e sua produção são evidenciadas, demonstrando o corpo humano a serviço da máquina, numa atividade que o torna objeto de um processo de produção que impõe a alienação e a subserviência ao método de trabalho direcionado por máquinas que se sobrepõem ao homem, à medida que supera rendimentos num tempo menor.

O filme retrata ainda a maneira segmentada como é percebido o ser humano, dividido entre corpo e mente, onde ambos possuem um funcionamento separado e diferenciado, fato que é demonstrado na forma como o operário vivido por Charlie Chaplin apresenta um colapso nervoso e é tido como louco, quando na verdade tal comportamento é desenvolvido justamente pela forma opressora com a qual são exercidas as atividades no contexto fabril, onde a mente fica sujeita a ações repetitivas e desconexas do corpo em função do tempo e do aumento da produção, na busca de superação de seus próprios limites para acompanhar o ritmo das máquinas.

“A fábrica parece claramente um convento, uma fortaleza, uma cidade fechada; o guardião só abrirá as portas à entrada dos operários, e depois que houver soado o sino que anuncia o reinício do trabalho”. (FOUCAULT, 1999, p.169), uma estrutura semelhante à encontrada em presídios, com horários rígidos, com cerceamento da liberdade de ir e vir dos corpos, alvo de punições, e sobretudo, uma castração aos processos de interação, que neste caso representam um perca de tempo que deveria ser destinado à produção.

FIGURA 1- OPERÁRIOS NO CENÁRIO FABRIL



Cena do filme “Tempos Modernos”

A modernidade, portanto, é caracterizada enquanto a Era das máquinas, onde diversos maquinários são inventados para acelerar a produção num pequeno espaço de tempo, e o homem em segundo plano, além de substituído por muitas destas invenções, sofre a imposição de seus ritmos, num ambiente sem comunicação, onde o indivíduo é castrado em sua subjetividade e significação, moldando-se às novas perspectivas do sistema.

O aspecto higiênico, portanto, dá lugar a uma preocupação em preparar o corpo para apresentar-se “forte, saudável, obediente, treinado, adestrado, apto, portanto, ao novo trabalho calcado na produtividade e em oposição ao corpo indolente, preguiçoso...” (p.43), capaz de suportar a extensa jornada de trabalho em ações repetitivas, em condições muitas vezes subumanas..

E tal situação de opressão corporal e o inchaço urbano em virtude do processo de industrialização acabaram por gerar consequências algumas vezes irreversíveis para os indivíduos, que se viram acometidos por doenças, pela baixa qualidade de vida, que muitas vezes levaram à morte, implementando uma maneira higiênica de perceber o corpo humano, uma forma de cuidar e preservar o ser humano nesse contexto originado pela superpopulação.

Nessa concepção higiênica do corpo há uma preocupação com os aspectos de higiene, com os cuidados que pudessem prevenir o adoecimento dos corpos, o comprometimento da saúde e da integridade.

2.2 Panorama pós-moderno: o corpo saudável ou culto ao belo?

O cenário pós-moderno traz uma forma diferenciada de percepção do corpo, com destaque e centralidade no contexto social, norteador por uma preocupação excessiva com o estabelecimento de um corpo saudável, e para tal, várias medidas são desenvolvidas sob o propósito de uma vivência com saúde, onde as pessoas concentram-se em dietas, restrições alimentares diversas, preocupação com aspectos higiênicos e a prática de exercícios físicos, com o intuito de atingir tais parâmetros.(CAMINHA, 2012)

Contudo, a saúde se tornou uma verdade, um pretexto ao culto da beleza, que instaura na sociedade a busca incansável pelos padrões corporais desejáveis, representação de um corpo perfeito, que é modificado e sacrificado em prol de tais modelos, “o corpo é marcado pela extrema preocupação com a aparência.” (CAMINHA, 2012, p.155), e para tal, as pessoas fazem uso de cirurgias estéticas, cosméticos variados, drenagens linfáticas,

medicamentos de emagrecimento entre outros, e as mais diversas modalidades de instrumentos sob a promessa do corpo belo.

E sob esta ótica, as pessoas encontram-se em constante tensão na tentativa de transformar seus corpos de acordo com os modelos sociais vendidos e estabelecidos pelas relações e meios de comunicação com fins estritamente mercadológicos, que geram uma insatisfação interna no ser humano que utiliza de técnicas e artifícios variados em prol de um corpo perfeito, belo, atraente aos olhos, no entanto, superficial e vazio na sua condição objetivada e descontextualizada do verdadeiro bem estar global.

Desta forma, CAMINHA sabiamente nos faz refletir que:

Não se trata apenas de reconhecer o culto excessivo à imagem do corpo como traço cultural de nossa forma de conviver na atualidade, mas de questionar as possibilidades de fazer, desse culto, uma escravidão à imagem do corpo, que pode ser aprovada ou reprovada pelo olhar do outro. (2012, p.160)

O que segundo Caminha (2012) é um aspecto que evidencia o risco da submissão do corpo a qualquer custo, objetivando uma estetização perfeita, para atender às expectativas e a aceitabilidade do outro, e não enquanto perspectiva e bem estar pessoal, o que representa um equívoco ainda maior, pois o compromisso e o desejo referem-se a algo ou alguém externo ao corpo e à própria pessoa singular, que se perde e arrisca sua integridade humana pelos padrões.

Tais posturas consumistas e reverenciais ao modelo perfeito são instauradas pelo sistema capitalista que atua com a promessa de satisfação completa e imediata por meio de produtos de beleza, medicamentos, suplementos, métodos fáceis e mágicos que se postulam instrumentos de aquisição do prazer instantâneo, do cumprimento do papel do indivíduo de atender os modelos perfeitos, corpo sarado, cabelos lisos, pele sem rugas, entre outros que possam preencher as problematizações internas e externas da sociedade.

E a grande tensão humana norteia-se em torno da insatisfação e da angústia em virtude da existência de tantos artifícios possíveis, mas ao mesmo tempo de sua constante incompletude, já que a proposta do perfeito é algo realisticamente impossível.

Aspecto que nos faz concluir que a saúde, na verdade, encontra-se inegavelmente relegada a segunda instância, visto que o preço do corpo belo, perfeito, custa muitas vezes o equilíbrio do próprio corpo, o seu bem estar físico, biológico, sendo sacrificado irracionalmente, contribuindo para o risco da vida humana, em procedimentos equivocados,

cirurgias mal sucedidas, medicamento com incontáveis reações adversas, causando muitas vezes corpos deformados, mutilados, degradados em nome do corpo belo.

Caberá, portanto, ao educador pós-moderno proporcionar debates e reflexões acerca de como estão as relações interpessoais corpóreas nesse cenário onde a aparência determina modelos, onde “a satisfação imediata, o gozo a qualquer preço e o consumo como chave da felicidade são modelos de forma de vida.” (CAMINHA, 2012, p157)

2.3 O corpo na escola

Assim como o corpo, a escola também consiste numa representação sociocultural e ambos se interligam num processo que vincula a aquisição de saberes e os aspectos formadores do ser humano em seus mais variados aspectos.

De acordo com Foucault (1999), não diferentemente das demais instituições sociais, a escola tem por longo período corroborado com os processos de doutrinação dos indivíduos, com intuito de atender as exigências do contexto social e, posteriormente produtivo, ora formando pessoas de acordo com o gênero, a partir de habilidades separatistas, ora produzindo corpos fortes e hábeis, capazes de serem moldados de acordo com as necessidades do cenário capitalista, atuando satisfatoriamente no setor produtivo.

“A Ciência e a técnica se juntaram para disciplinar e punir o corpo, tornando-o útil e obediente. A escola disciplinadora exaltava corpos performáticos e excluía corpos ineficientes ou improdutivos”. (CAMINHA, 2012, p.154). Nessa perspectiva, percebe-se claramente a função pactuante que a escola exerce com os mecanismos socioculturais e produtivos, estabelecendo práticas que visam enquadrar, disciplinar corpos, punir e rotular aqueles que não se enquadrem.

As práticas pedagógicas vinculavam-se a uma concepção de “um corpo atemporal, a-histórico, sem rosto, pés, mãos, sexo, fragmentado em órgãos, funcionalista, deslocado do ambiente. Um corpo universal, um corpo que tem um padrão”... (QUADRADO & RIBEIRO, 2005, p.1) ao selecionar e transmitir conteúdos que visam homogeneizar o comportamento do educando, associado aos padrões sociais esperados, sem que estes tenham uma associação com a realidade destes, com o contexto em que estão inseridos, desprezando a subjetividade a eles inerente, sua história de vida, seus interesses e desejos.

E o currículo dessa escola que encarcera, que seleciona o aluno hábil e capaz, enfoca o corpo prioritariamente vinculado às normas de conduta, ao processo de higienização, ao

aspecto biológico, tornando-o objeto, limitado, fragmentado, de forma que este mesmo corpo não é reconhecido pelo educando como sendo seu, mas algo distante que se faz presente em livros e no discurso do professor.

Aspecto que demonstra que a escola tem funcionado com o propósito maior de ingressar o aluno nos padrões sociais vigentes, a partir de estratégias e conteúdos transmitidos muitas vezes de forma unilateral, onde o professor era o centro do processo de aprendizagem, e em nome da disciplina e da ordem, os alunos eram dispostos uniformemente um atrás do outro, em silêncio na maior parte do tempo, percebidos enquanto um papel em branco no qual o professor escreveria aquilo que julgasse necessário.

Nessa concepção tradicionalista do ensino “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isso, utiliza diversas técnicas”. (FOUCAULT, 1999, p.168), como a disposição das carteiras e da mesa do professor, como mostra à figura 2, numa estrutura que transcreve a rigidez do ambiente educacional, e a soberania do educador a frente dos alunos atentos e oprimidos à espera dos conhecimentos.

FIGURA 2- ESCOLA TRADICIONAL



RAMOS. **Para entender a história**..ISSN 2179-4111. Ano 2, Volume.jun./2011

Evidencia-se, portanto, uma Educação que pacifica, que objetiva prioritariamente moldar os indivíduos de acordo com as normatizações e leis sociais de forma alienada, subjugando-os a meros objetos no processo de ensino e aprendizagem, sem participação ativa, sem o direito a indagações, estabelecendo a concepção do não movimento, na qual o bom aluno é aquele que fica quieto atento às informações transmitidas pelo professor, sem se movimentar, sem expressar a potencialidade de seu corpo.

Configura-se enquanto espaço de não comunicação, ou de uma comunicação unilateral, onde apenas o professor expressa seus conhecimentos, e normatizações, enquanto os alunos aprendem de maneira mecânica, desconhecendo muitas vezes a origem e a utilidade funcional de tais conteúdos para sua vida cotidiana.

Cabe à Escola, portanto, o papel limitado de perceber o corpo enquanto objeto de orientações voltadas à saúde e higienização, sob uma postura fragmentada, dissociando mente e corpo, sem que sejam proporcionadas atitudes reflexivas em torno deste e de sua relação com outros corpos, no movimento de interação, considerado enquanto alvo de cuidados e investimentos, não como objeto, mas enquanto sujeito, representação singular de cada ser humano, num processo de compreensão onde cuidar deste, é cuidar de si, do EU, numa perspectiva globalizada.

Diante deste cenário há a necessidade da implantação de uma disciplina que se preocupe com as questões do corpo, ou que se concentre nessa parte do ser humano para implementar posturas, daí surge a Educação Física, numa proposta de representação do corpo, no entanto, evidencia-se mais um equívoco educacional vinculado ao aspecto corporal, pois torna-se uma prática que objetiva disciplinar corpos, estabelecer controle, torna-os fortes, treinados, a partir de atividades que priorizam o desenvolvimento e habilidades motoras, num espaço e tempo determinado.

Quando uma escola que ressignifica o aspecto corporal o percebe de uma maneira mais ampla, enquanto representação de vivência singular do ser humano, forma de expressão e interação, considerando que “esse patrimônio cultural composto pelo jogo, ginástica, esporte, dança – elementos da cultura corporal- deve ser garantido a todos os alunos de forma que eles possam compreender a realidade social como dinâmica e passível de transformações.” (DAOLIO, 2004, p.38).

Nessa proposta o aluno se perceberá sujeito, integral, e o seu corpo instrumento de atuação no contexto social, elemento cultural que o representa enquanto ser singular, com a liberdade no cenário educacional de explorar diversas formas de movimento, pois este é fonte de aprendizagens, e como afirma Platão “a educação deve começar com a ginástica. Para poder adquirir a sofisticada arte de pensar dialeticamente, era preciso, inicialmente, praticar a arte de fortificar o corpo, que exige força, flexibilidade e coordenação motora”. (CAMINHA, 2012, p.152)

Contudo o processo histórico social ciente dos equívocos implementa nas políticas de educação um olhar voltado para as crianças da Educação Infantil, e tentam implementar ações que determinem essa ressignificação do corpo no contexto educacional, que haja estímulos

para que a criança pequena perceba-se sujeito, e que possa vivenciar experiências que primem pelo seu desenvolvimento motor e corporal em associação ao cognitivo.

Finalizemos com uma afirmação de Sara Paín, a qual sintetiza o ideal de corpo no contexto educacional considerando que:

É em função do corpo, que se é harmônico ou rígido, compulsivo ou abúlico, ágil ou lerdo, bonito ou feio, e com esse corpo se fala, se escreve, se tece, se dança, resumindo, é com o corpo que se aprende. As condições do mesmo, sejam constitucionais, herdadas ou adquiridas, favorecem ou atrasam os processos cognitivos e, em especial, os de aprendizagem." (PAÍN, 1985, p. 22)

Portanto, a educação ocorre inclusive através do corpo, de forma constante e ininterrupta, dentro e fora da sala de aula, nas relações estabelecidas entre corpos e com o meio.

3 BRINCANDO E APRENDENDO COM O CORPO NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A criança percebida enquanto ser em desenvolvimento é reconhecida em sua subjetividade com a principal especificidade de viver para brincar, ou brincar para viver, de forma que é através dos jogos e brincadeiras que expressa seus sentimentos, que interage com o mundo, expressando assim suas representações em processos entre a realidade e a fantasia.

Através do brincar a criança reinventa ações e significados, se insere aos poucos no cenário adulto e incorpora normatizações que norteiam o contexto social a partir de uma liberdade onde é possível incorporar personagens e imitar modelos de comportamento humano.

Consideremos, portanto, que a “importância do brincar para o desenvolvimento infantil reside no fato de esta atividade contribui para a mudança na relação da criança com os objetos, pois estes perdem sua força determinadora na brincadeira” (QUEIROZ, MACIEL & BRANCO, 2006, p.4), o que é claramente observado quando uma criança reorganiza funções de um objeto, onde um simples cabo de vassoura se transforma num cavalo valente, onde blocos lógicos se transformam em castelos e casas, uma representação do mundo real pincelado com a fantasia infantil e a realização dos seus desejos.

Fato ocasionado em virtude de que “toda brincadeira, independentemente de seus elementos e regras, revela traços de nossa realidade. E ainda antecipa inúmeras formas de agir e interesses que despertam ou se ocultam em nossa personalidade à medida que nos desenvolvemos.” (SAMPAIO, et al., 2012,p.135), tal oportunidade e liberdade de expressão, de forma de ser, permite que a criança construa processos internos a partir de ações de identificação e significação.

A utilização dos movimentos e ações corporais, estão presentes em grande parte dos jogos e brincadeiras desenvolvidas pelas crianças, o que amplia suas possibilidades, contribuindo para a formação da identidade, do conhecimento acerca do seu corpo e de si mesmas, numa concepção que :

A brincadeira é a vida da criança e uma forma gostosa para ela movimentar-se e ser independente. Brincando, a criança desenvolve os sentidos, adquire habilidades para usar as mãos e o corpo, reconhece objetos e sua características, textura, forma, tamanho, cor e som. Brincando, a criança entra em contato com o ambiente, relaciona-se com o outro, desenvolve o físico, a mente, a autoestima, a afetividade, torna-se ativa e curiosa (SIAULYS, 2005,p.10)

A criança, portanto, interage e se expressa desde os primeiros momentos de vida através do corpo, e a apropriação que realiza sobre este, vira brincadeira, ao tentar tocar os pés, coloca-los na boca, bater palmas, tentar agarrar objetos, num processo progressivo de descobertas, onde o próprio meio representa a estimulação.

E ao longo do desenvolvimento a criança aprimora seus movimentos e o controle que possui do seu corpo, satisfeitos a cada progresso, ora por levantar as pernas, saltar mais alto, pular um obstáculo, chutar, correr, pular num pé só e rolar, em ações cotidianas que acontecem em clima de brincadeira, mas que refletem processos de aprendizagem contínua, representando o domínio do próprio corpo.

A criança por volta dos 3 a 4 anos inicia um processo de imitação dos adultos, onde busca se caracterizar como tal, vestindo roupas e calçados dos pais ou adultos cuidadores, usando maquiagens e adereços, transformando velocípedes e bicicletas em automóveis e veículos motorizados, em processos onde o seu corpo é o principal instrumento de brincadeira.

Desta forma concluímos que “somos corpos fazedores e transformadores do mundo, corpos vivos, num tempo e num espaço, experimentando todas as possibilidades emergentes e que nos são de direito.”(SANTOS, CAMINHA & FREITAS, 2012, p.79), aspecto facilmente perceptível ao observarmos uma criança ao som de uma música infantil, ou tema de sucesso midiático que desperte interesse na criança, a qual lhe fará deleitar-se corporalmente a cantar e dançar a melodia que a envolve, numa brincadeira divertida e envolvente que ocorre de forma espontânea.

Por outro lado no contexto educacional consideramos que:

As instituições de Educação Infantil deveriam ser o espaço inicial deflagrador para o desenvolvimento das diferentes linguagens expressivas, tendo em vista que as crianças pequenas iniciam o conhecimento sobre o mundo através dos cinco sentidos(visão, tato, olfato, audição e gustação), do movimento, da curiosidade em relação ao que está a sua volta, da repetição, da imitação, da brincadeira e do jogo simbólico. No que diz respeito às linguagens expressivas, estes são os fatores fundamentais para que elas se desenvolvam plenamente.(CUNHA, 1999, p.10)

O que nos sugere o quanto é determinante no processo de ensino e aprendizagem que o movimento, seja um artifício primordial nas ações pedagógicas desenvolvidas, através do qual a criança irá se apropriar desse mundo que a norteia, sob a mediação do educador na promoção de atividades embasadas numa pedagogia do corpo efetiva, onde a espontaneidade

infantil possa ser redirecionada com fins educativos, que proporcionem não apenas a aprendizagem, mas o próprio desenvolvimento infantil.

Que sejam superados equívocos tão presentes no cenário educacional como as práticas desvinculadas de efetivo valor expressivo, onde jogos, brincadeiras e dramatizações são constituídos com fins de passatempo, ou sob uma excessiva preocupação com a estetização, pois tais atividades na “educação infantil, via de regra, dão prioridade à montagem de espetáculos de teatro, em detrimento da prática e da valorização de jogos que desenvolvam a expressividade dramática, a capacidade criativa e a interação social entre as crianças.”(CUNHA, 1999, p.96)

Quando o jogo dramático na verdade pode representar um diferencial enquanto oportunidade de expressividade a partir do momento que permite que a criança externalize suas subjetividades, que opere corporalmente nos diversos espaços e maneiras, num processo exploratório onde a associação entre a espontaneidade infantil e o cenário fazem com que as crianças “à medida em que evoluem, desenvolvem diferentes maneiras de jogar e tornam-se capazes de assimilar o conteúdo e regras de diferentes atividades que podem constituir estímulos de aprendizagens motoras, cognitivas, sociais e estéticas.”(CUNHA, 1999, p.98)

Outro grande diferencial que envolve corporeidade na escola, é a dança, enquanto movimentos corporais globais a partir da sintonia com a melodia envolvendo o indivíduo como um todo, integralizando suas funções, percepções e sob o prazer de sentir a si mesmo, de expressar-se, comunicando sua afetividade singular, contudo, “nem sempre a dança é entendida como linguagem em situação escolar. Ao contrário disso, a dança é entendida como repertório (conjunto de passos, “coreografias”).”(MARQUES, 2012, p.7)

Em se tratando do Brasil enquanto país de várias representações culturais, a dança é algo inerente a tais aspectos, que constitui forma de expressão de um povo, um grupo regional ou étnico, e portanto, como afirma Porpino (2012):

É função da escola contribuir para ampliar a compreensão do aluno sobre o ato de dançar, uma vez que, além do aprendizado do gesto dançante, ele aprenderá, também, a apreciar os vários repertórios da dança, a conhecer seus diversos significados sociais e a discutir a dança como forma de expressão artística em diversas culturas, inclusive no contexto social em que ele vive.(PORPINO, 2012, p.11)

A dança, portanto, enquanto atividade humana se sobrepõe ao simples ato de movimentação corporal, excedendo os limites das barreiras físicas e biológicas, e

constituindo-se enquanto favorecimento de expressão e comunicação no cenário das relações interpessoais.

3.1 Sugestões de práticas de atividades que podem ser desenvolvidas na educação infantil

As crianças da educação infantil representam seres em puro desenvolvimento, ávidos por manipular e descobrir o mundo a sua volta, que se superam a cada movimento, ampliando seu domínio próprio e seu campo de conhecimento a partir principalmente dos processos motores.

Convictos da essencialidade da corporeidade nas ações pedagógicas enquanto elemento maximizador do processo de aprendizagem, sobretudo, na Educação Infantil, descreveremos algumas atividades psicomotoras que podem permear uma Pedagogia do Corpo efetiva, a partir do reconhecimento de que “a corporeidade na educação sistemática e nas brincadeiras e jogos estão a merecer uma compreensão de uma dimensão mais ampla.” (FIGUEIREDO, 2009, p.32)

FIGURA 3- Atividade de pintura com as mãos e pés



RIEDIGER, 2012 <http://vittamina.com/2012/07/17/ferias/>

3.1.1 Pintura com mãos e pés.

Como afirma Richter:

A pintura é extremamente importante enquanto estratégia de organização e apropriação de um pensamento simbólico em processo de constituição. Enquanto linguagem, deve ser compreendida em sua especificidade simbólica e material, mas em nenhum momento, pode ser desarticulada das demais ações lúdicas das crianças.(RICHTER,2009,p.39)

Esta atividade em clima de liberdade será algo divertido e desafiante, que despertará o interesse nas crianças, além de proporcionar o desenvolvimento da coordenação motora fina, da criatividade infantil, do contato com as diversas cores e misturas, formando e transformando, num processo onde pode ser trabalhada e evidenciada a identidade da criança, semelhanças e diferenças, o EU, representado em “minhas mãos” e “meus pés”.

Desta forma, percebe-se que “a prática com as cores também pode fazer parte da forma singular de a criança mostrar (tornar visível) o que sente e conhece, passando a entendê-la como alguém capaz de alcançar maior profundidade e expressão na criação de significações”... (RICHTER, 2009, p.40)

3.1.2 Andar com uma bola entre as pernas

Em se tratando de atividades de coordenação motora e equilíbrio, Miranda (2003) cita: Andar com uma bola entre as pernas e Andar em cima de uma corda, numa concepção de que “proporcionar o trabalho psicomotor irá ajudar na estruturação da personalidade da criança, já que ela pode expressar melhor seus desejos, elaborar seus fantasmas, desenvolver suas necessidades e trabalhar suas dificuldades”. (MIRANDA, 2003, p.1)

Esta é uma atividade divertida que proporciona o fortalecimento da musculatura infantil e o equilíbrio corporal.

3.1.3 Andar em cima de uma corda

Esta atividade pode ser desenvolvida separadamente, para trabalhar o equilíbrio, ou num circuito de desafios e obstáculos os quais as crianças devem ultrapassar, numa competição divertida.

3.1.4 Jogo de mímica

É um jogo bastante interessante, pois esta atividade envolve a utilização de todo o corpo, por meio de movimentos e expressões, onde todos querem e podem ter a oportunidade de participar em papéis diferenciados, ora adivinhando, ora no papel de mímico, processo que além de desenvolver aspectos psicomotores, ainda dá vazão à criatividade e a oralidade, estimulando e diferenciando as formas comunicativas. Segundo Santos (2009), tais “atividades que incluem adivinhação possuem um caráter simbólico e desenvolvem a capacidade de imaginação.” (SANTOS, 2009, p.119)

3.1.5 A famosa brincadeira de pega-pega

Tão antiga, mas ao mesmo tempo presente em nossos dias atuais, favorece toda uma mobilidade motora, que permite a criança explorar o meio a sua volta, de uma forma descontraída que a tornará cada vez mais hábil, além de proporcionar a interação social, a competição saudável, a superação de seus próprios limites, e a troca de papéis, e assim num processo divertido aprenderá a lidar com ganhos e perdas, usando o seu próprio corpo.

3.1.6 Esconde - esconde

Esta é uma brincadeira antiga, cultural, que se propaga de geração a geração, mas que conserva seu caráter divertido e dinâmico, proporcionando além de processos interativos entre crianças de diferentes idades, a descoberta do ambiente em sua volta, a imaginação e criatividade.

Apresenta certo diferencial na Educação Infantil, pois “os menores divertem-se ao serem encontrados e muitas vezes chegam a dizer onde estão, na expectativa de serem logo descobertos, já os maiores esforçam-se para não serem encontrados.” (SANTOS, 2009, p.117-118), aspecto que evidencia a espontaneidade infantil, e o simples prazer em participar, sem a competição que é estabelecida com o desenvolvimento e o contato social.

Destacamos ainda nessa brincadeira:

...a noção de descentração do ponto de vista próprio que ela implica. Aquele que se esconde deve supor o ponto de vista de quem irá procurar [...] crianças menores de quatro anos, pela centração no ponto de vista próprio (egocentrismo) elas escondem apenas o rosto, deixando o resto do corpo à mostra, já que não possuem a capacidade de se colocarem no ponto de vista de quem está observando. (SANTOS, 2009, p.118)

3.1.7 Brincadeira da cadeira

É bastante divertida essa brincadeira, sobretudo, pelo uso da musicalidade, o que amplia a animação e o interesse das crianças, de acordo com Almeida(sem ano) tal atividade amplia a interação, desenvolve a psicomotricidade, o pensamento lógico e a noção de espacialidade.

3.1.8 Dramatização

Esta é uma atividade completa, pelo seu caráter globalizado, onde a criança tem a oportunidade não apenas de desenvolver aspectos corporais, mas externar suas subjetividades, e ao mesmo tempo, sua identificação com personagens diversos, explorando a oralidade, a expressividade, sendo esta uma forma comunicativa.

Como afirma Costa (2012):

Os jogos dramáticos, que são as brincadeiras e os jogos que nascem da ação intuitiva da criança ou que são elaborados por adultos [...] o único critério que existe para os jogos dramáticos reside no respeito ao mundo infantil, as possibilidades vão desde o uso de músicas, coreografias, vestuários, necessários diversos etc.(COSTA, et.al. 2012, p.98).

Por meio dos jogos dramáticos as crianças embora sigam determinado roteiro, num espaço e cenário definido, possuem a oportunidade de expressarem suas subjetividades, num processo de identificação com os personagens, com a música, com o figurino, incorporando características da fantasia, e ao mesmo tempo, imprimindo suas características próprias na construção do personagem.

4 METODOLOGIA

Foi realizada revisão da literatura nacional utilizando os bancos de dados da SCIELO, LILACS-BIREME e Google Acadêmico sendo selecionados artigos publicados nos últimos dez anos, abordando o corpo e suas relações com as brincadeiras na escola. Os seguintes termos de pesquisa (palavras-chaves e delimitadores) foram utilizados em várias combinações: 1) corpo e escola; 2) corpo e o brincar na escola; 3) o brincar e a aprendizagem; 4) o corpo e a aprendizagem.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que para delinear sobre o corpo e sua relação com o brincar na escola, pode trazer para o fazer pedagógico uma possibilidade real de sentido, e para esse fim, necessitamos de investigação e interpretação de literaturas sobre o tema. Para Carvalho (2006):

A pesquisa bibliográfica é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado tema. A etimologia grega da palavra BIBLIOGRAFIA (*biblio* = livro; *grafia* = descrição, escrita) sugere que se trata de um estudo de texto impresso. Assim, pesquisar no campo bibliográfico é procurar no âmbito dos livros e documentos escritos as informações necessárias para progredir no estudo de um tema de interesse (Carvalho, 2006, p. 100).

Coletou-se os dados através de publicações impressas ou digitais em forma de livros, dicionários, periódicos, resenhas, monografias, dissertações, teses, apostilas, entre outros, além de internet, que segundo Severino (2008) “a internet tornou-se uma indispensável fonte de pesquisa para diversos campos de conhecimento.” Como confere Lakatos e Marconi (2006, p. 43-44) a pesquisa bibliográfica “trata de levantamento de toda bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto.”

A tomada de decisão em relação às formas de abordagem de um estudo mostra-se decisiva quanto ao grau de compreensão desejado em relação ao problema a se investigar.

O mergulho nas questões relacionadas ao corpo e suas relações com o brincar na escola remete a uma compreensão ampla e multidimensional percebendo, dessa forma, ser possível, como aponta Tavares (2003), identificar alguns aspectos pertinentes ao estudo, intervindo significativamente, porém tendo claro o grau de complexidade que traz o

entendimento de que a ideia de totalidade de conhecimento seja improvável. Portanto, o desafio deste estudo, é de compreender o possível, buscando uma intervenção significativa.

Considerando a natureza do fenômeno ao qual nos propomos estudar, de cunho estritamente social, o enfocaremos a partir de uma abordagem qualitativa dos dados, cujo foco é “aprofundar o mundo dos significados das ações e das relações humanas, o aspecto não perceptivo, não captável em equações, médias e estatísticas.”(MINAYO, 1997, apud BRENNAND et al., 2012, p.64)

Lidar com o comportamento humano, de maneira a compreendê-lo a partir de observações e estudos científicos requer que haja todo um cuidado na escolha dos métodos adequados e favoráveis ao que se pretende focar, e tratando-se do corpo enquanto forma de existência humana, não há nada mais subjetivo, sobretudo se objetivamos sua associação aos processos de construção de saberes, com uma singularidade só possível de ser analisada numa perspectiva qualitativa de análise que segundo Minayo (1997):

...ênfatisa a análise da realidade que não podem ser quantificados. Aborda o universo de significados, de representações, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, relacionados a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de medidas e de variáveis. (apud BRENNAND, et al. ,2012, p.66)

E convictos da complexidade do caminho a ser trilhado, sem a pretensão de nos comprometermos na busca por resoluções ao fenômeno estudado, nos debruçaremos em princípios que norteiam a especificidade de uma pesquisa de cunho exploratória, na qual o objetivo “não consiste em resolver um problema, mas caracterizá-lo em suas diversas nuances[...]buscar informações detalhadas sobre o assunto investigado no intuito de familiarizar-se ou obter nova percepção do fenômeno.(BRENNAND et al. , 2012, p.69)

Num primeiro momento nos debruçaremos na análise histórica acerca da concepção de corpo, considerando que “essas relações do humano – através do corpo – consigo mesmo, com o outro e com o mundo passaram por enormes transformações no seu transcorrer histórico.”(ZOBOLI, 2012, p.16)

Em seguida, nossas pesquisas examinarão a partir da coleta de dados a forma como a corporeidade se relaciona aos processos de aprendizagem na Educação Infantil, visto que, como afirma ZOBOLI (2012)... “A aprendemos com a totalidade de nosso corpo, com nossa sensação, percepção, imaginação e intuições estimuladas pela intersubjetividade.”

Finalizando com uma proposta em forma de coletânea de atividades lúdicas que envolvam e valorizem a corporeidade a serem desenvolvidas na Educação Infantil, primando pelo estabelecimento de uma pedagogia do corpo voltada à subjetividade, potencializadora da ação pedagógica e do processo de aprendizagem, sob a perspectiva embasada numa “Educação que considere importante que nossos corpos se movimentem, transformem-se, para podermos transformar as coisas do mundo e, ao mesmo tempo, desorganizar e reorganizar a nossa própria percepção.”(SANTOS, CAMINHA & FREITAS, 2012, p.80)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do percurso desta referida pesquisa, pudemos refletir amplamente acerca do corpo em suas várias nuances, primeiramente a concepção histórica, que fragmenta o homem no dualismo corpo e mente, de maneira que estas são percebidas enquanto partes incomunicáveis, alvo de pesquisas e estudos das áreas biológicas, anatômicas e fisiológicas.

Nessa perspectiva torna-se notória a concepção de corpo enquanto objeto, percebido de forma descontextualizada, a margem do próprio indivíduo, como se a mente fosse o aspecto humano de maior representatividade, a porção racional e diferencial dos demais seres vivos, centralidade no processo de aprendizagem.

Na esfera educacional, essa concepção fragmentada se associa ao que Foucault chama de docilidade dos corpos, num processo de valorização da mente, da inteligência, onde o objetivo maior do professor é transmitir conhecimentos e mensurar o que os alunos aprenderam, e nessa proposta não há lugar para o corpo, a não ser o recuo do mesmo, numa postura inerte, para que quietos possam adquirir os saberes previamente selecionados.

Aspecto facilmente percebido a partir da disposição do mobiliário nas salas de aula, onde o professor ficava a frente, e os alunos um atrás do outro, sentados em fileiras, numa estruturação que favorecia a ordem e impedia a interatividade, o movimento corporal e a comunicação, pois o corpo nada teria a ver com o desencadear da aprendizagem.

Num suposto avanço surge a necessidade de uma Ciência voltada para o corpo, com local e espaço definido para tal, a Educação Física, aulas que representam o momento em que o movimento é permitido e estimulado, nas áreas externas à sala de aula, na qual o pensamento já não precisa ser estimulado, mas sim a parte física do ser humano fracionado, numa concepção que o subordina a tal diferenciação, na qual a partir da variação do momento e do espaço há a respectiva priorização do corpo ou da mente.

Postura a qual nos opomos veementemente considerando os estudos desenvolvidos e toda a complexidade que envolve o ser humano e sua corporeidade, entendida por nós enquanto aspecto de reconhecimento da amplitude que norteia o corpo, numa concepção globalizada do indivíduo, envolvendo sua subjetividade e os elementos que o compõem enquanto identidade singular.

Contudo, cabe-nos a reflexão do cenário pós-moderno no qual o corpo torna-se incrivelmente o centro, a principal representação do ser humano, numa preocupação mascarada com a saúde e o bem estar, onde surgem ações diversificadas em prol da suposta preservação do corpo enquanto perspectiva de longevidade, por meio de dietas variadas,

exercícios físicos, anabolizantes e cirurgias estéticas, que na verdade primam pelo corpo perfeito, por atender aos modelos sociais que vendem ilusoriamente a promessa de um corpo esculturalmente belo.

Embora percebamos a centralidade do corpo, este mesmo se posiciona enquanto objeto de sacrifício, alvo de transformações e reestruturações a qualquer custo, onde as pessoas comprometem sua integridade em prol da beleza e da estética, num risco à dignidade e a vida humana, em nome da felicidade por sentir-se perfeito, posição mais social que individual, visto que os artifícios visam atingir padrões impostos pelo ambiente externo, e não pela verdadeira necessidade subjetiva do indivíduo.

Nessa perspectiva ainda comprometedora do indivíduo, e castradora do aspecto corporal em sua essência, teremos o contexto educacional enquanto instituição que absorve os conceitos e padrões sociais vigentes, mas que ao mesmo tempo possui a função de filtrar aspectos que possam ser nocivos ao bem estar humano em sua integralidade.

E diante dos supostos avanços no reconhecimento das especificidades que norteiam a educação infantil enquanto modalidade de ensino, expressa imperativamente no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), permanece a necessidade de aperfeiçoamento estrutural e curricular, sobretudo, no que concerne à perspectiva corporal.

No contexto da educação infantil a corporeidade tem sido fruto de paradigmas sociais de implementação da disciplina por meio da docilidade dos corpos, formando cidadãos passivos, numa associação equivocada do não-movimento a alta capacidade de aprender, onde o aluno que é ativo, que se movimenta, que é curioso, estaria fadado ao fracasso escolar, por não se adequar às ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, sendo muitas vezes rotulado como portador de problemas de aprendizagem.

Algumas brincadeiras e jogos desenvolvidos no cenário educacional têm ocorrido prioritariamente de forma livre, sem uma mediação do educador, sem objetivos traçados e estabelecidos, ou quando existentes, muitas vezes apresentam-se de maneira equivocada, com distorções que norteiam apresentações em dias festivos, com uma preocupação com a percepção externa, com o impacto causado aos expectadores.

Nessa perspectiva, embora haja várias apresentações de coreografias, gestuais, teatrais entre outras, em nível de Educação Infantil, o desenvolvimento da criança, e sua respectiva corporeidade não é considerada, não é concebida enquanto prioridade, não lhe é permitida a rica contribuição a partir das subjetividades, mas uma imposição de modelos corporais que darão brilho ao produto final apresentado aos adultos que os assistem.

Perante tal cenário, faz-se essencial, primeiramente, a oportunização de uma formação inicial e continuada aos educadores voltada ao reconhecimento do corpo enquanto a representação própria do ser humano, sua forma de existir no mundo, veículo de apropriação social e cultural, e determinante na construção e ampliação dos saberes diversos, para que haja a reestruturação curricular e pedagógica com o intuito de potencializar a aprendizagem infantil.

Jogos, brincadeiras, danças, dramatizações e outras atividades lúdicas que envolvam a corporeidade devem priorizar a expressividade infantil, oportunizando situações que embora o educador tenha objetivos pré-determinados, mas que a criança sinta-se livre para explorar o meio, o contato com o outro, e sua própria existência corporal, reconhecendo-se enquanto ser singular, desenvolvendo habilidades não apenas vinculadas a psicomotricidade, mas globalizadas, num processo de assimilação cultural, de ampliação dos aspectos cognitivos e emocionais.

A partir do reconhecimento da Corporeidade em sua amplitude, além dos processos motores, haverá a possibilidade de estabelecer uma pedagogia do corpo, onde a movimentação ao invés de ser castrada, seja estimulada em suas várias possibilidades, com objetivos diferenciados oportunizando uma apropriação enriquecedora dos aspectos sociais e culturais por parte do educando.

E sob esta ótica de favorecimento do movimento e da corporeidade pode-se associar o fator brincar, elemento facilitador da aprendizagem e inerente ao nível infantil, numa parceria que desperta o interesse e potencializa a aprendizagem, a partir de atividades que favoreçam a interdisciplinaridade em processos onde a criança brinca com o corpo, se reconhece sujeito, observando a si e ao outro.

O brincar e jogar infere necessariamente a atuação corpórea, não apenas no sentido psicomotor, mas numa perspectiva de sujeito, globalizada, o que nos sugere que não há ludicidade sem corporeidade.

Diante da consciência da interdependência lúdica e corporal, as ações e situações lúdicas oportunizadas pelos educadores devem primar paralelamente pelos aspectos concernentes à corporeidade, evidenciando-a enquanto aspecto relativo ao desenvolvimento infantil e ao processo de ensino e aprendizagem, ao invés de delegado exclusivamente a área da Educação Física.

E com vistas a todo o estudo realizado nos indagamos como ignorar o corpo, se é com ele ou através dele que o ser humano se posiciona nas interações, se o lúdico tão

amplamente divulgado e defendido enquanto especificidade da criança, não existe sem a corporeidade, e tudo o mais que o ser humano é , não o é sem o seu corpo.

Desta maneira, concluímos que os atores educacionais estão intimados a refletirem a dissociação entre corpo e mente, entre o lúdico e a corporeidade, e reconhecer a conectividade entre ambos de uma maneira integralizada, percebendo que o corpo que é estimulado a vivenciar situações lúdicas na realidade se desenvolve a partir destas, não enquanto parte segmentada do indivíduo, mas enquanto representação do sujeito em sua totalidade.

Reflitamos o papel em que o corpo ocupa no processo de ensino e aprendizagem na atualidade, em que medida há a liberdade e a oportunização de expressividade, de compartilhamento das singularidades humanas, para que não perpetuemos a condição de segmentação do ser humano, na cultura do não movimento.

6 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Brincadeiras e Jogos Típico do Brasil**. S/A. Disponível em:<<http://geraldoalmeida.com.br/template.php?id=livros.php>>.

BRENNAND, Eládio José de Góes. **Metodologia científica na educação à distância**/ Eládio José de Góes Brennand, José Washington de Morais Medeiros, Maria do Amparo Caetano de Figueiredo. – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. **Corporeidade e Educação**. In: RAPOSO, Ana Elvira Steinbach; CASTRO, Ricardo Dias de. (Orgs). **Trânsito de Fronteiras entre Educação e Saúde na Escola Infantil**. João Pessoa: Editora Universitária da Ufpb, 2012

CAMPOS, Anderson José Moura de. **Educação Física e o Conceito de Cultura: O Corpo no Tempo, Espaço e Ciberespaço**, 2006.

CAMPOS, Paula Ferros Mendes. **Relações Corpo e Educação: Um Estudo sobre o Lugar do Corpo na Escola**.

CARVALHO, S. H. **Construindo o saber: metodologia científica – fundamentos e técnicas**. 17. Ed. São Paulo: Papirus, 2006.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. et. al. **Cor, Som e Movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**/organizadora, Susana Rangel Vieira da Cunha- Porto Alegre: Mediação, 1999.132p. –(Cadernos Educação Infantil; v.8)

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o Conceito de Cultura/Jocimar Daolio**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.- (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo)

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. **A corporeidade na escola: brincadeiras, jogos e desenhos** / Márcio Xavier Bonorino Figueiredo- Pelotas: Editora Universitária – UFPel, 2009, 6ª ed.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 20ª edição, 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Metodologia do trabalho científico**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GIRZONE, Joseph F. **Uma criança brincando**. Jan/2012. Disponível em:<<http://samambaiahostel.blogspot.com.br/2012/01/uma-crianca-brincando.html>>

MEDEIROS, José Washington de Moraes; OLIVEIRA, Zenon Sabino de. **Trabalho de Conclusão de Curso** In: ROSSI, Silvio José; BRENNAND, Edna Gusmão de Góes (Orgs). Trilhas do Aprendiz. João Pessoa, v.7, t.1, UFPB, 2011.

MIRANDA, Joanna. **Psicomotricidade**. Coleção Quando Gira o Mundo, nº 13/2003 MULTIRIO - Presidência - Regina de Assis • Diretoria de Publicações - Maria Inês Delorme • Equipe de Produção - Cristina Campos (conteúdo), Caio Braga (ilustração), Erick Grigorovsky (ilustração), Guaira Miranda (diagramação), Nancy A. Soares (revisão) • Fotolitos e Impressão – Gráfica e Editora Posigraf • Tiragem - 40 mil exemplares

MODERN, TIMES. Direção, Roteiro, Produção e Música: Charles Chaplin. Atores principais: Charles Chaplin; Paulette Goddard; Henry Bergman. Estados Unidos: 1936. Estúdio: United Artists/Charles Chaplin Productions; Distribuidora: United Artists; 86 min. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=D_kpovzYBT8> . Acesso em 15/05/13.

NÓBREGA, Terezinha Petruciada. **Qual o Lugar do Corpo na Educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, Maio/Ago. 2005.

PAÍN. Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**; Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

QUADRADO, Raquel P.; RIBEIRO, Paula Regina C. **O corpo na escola: alguns olhares sobre o currículo**. Fundação Universidade do Rio Grande, FURG. Ensenanza de Las Ciencias, 2005. Número Extra, VII Congresso.

RAMOS, Fábio Pestana. **A educação no Brasil na primeira metade do século XX**. Para entender a história... ISSN 2179-4111. Ano 2, Volume jun., Série 27/06, 2011, p.01-06. Disponível em: <<http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2011/06/educacao-no-brasil-na-primeira-metade.html>>.

SIAULYS, Mara O. de Campos. **Brincar para todos**/ Mara O. de Campos Siauyls – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

UCHÔGA, Liane Aparecida Roveran. **O Corpo da Criança na Educação Infantil**. Trabalho de Conclusão do Curso referente à Licenciatura em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, 2007.

COSTA, Cristiane Marinho da Costa. et.al. **Linguagem e Pensamento na Educação Infantil**. In: BEZERRA, Lebiã Tamar Silva; OLIVEIRA, Stella Maria Lima Gaspar de. (Orgs). Pensamento, linguagem e ludicidade na Educação Infantil. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

